

---

## PROCESSOS QUE SUSTENTAM A RESILIÊNCIA FAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO<sup>1</sup>

*Mara Regina Santos da Silva<sup>2</sup>, Carl Lacharite<sup>3</sup>, Priscila Arruda da Silva<sup>4</sup>, Valéria Lerch Lunardi<sup>5</sup>, Wilson Danilo Lunardi Filho<sup>6</sup>*

<sup>1</sup> Estudo desenvolvido com recursos financeiros da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Doutora em Enfermagem. Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marare@brturbo.com.br

<sup>3</sup> Doutor em Psicologia. Professor da Université du Québec à Trois-Rivières. Québec, Canadá. E-mail: carl.lacharite@uqtr.ca

<sup>4</sup> Acadêmica de Enfermagem da FURG. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: patitaarruda@yahoo.com.br

<sup>5</sup> Doutora em Enfermagem. Professor da FURG. Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: vlunardi@terra.com.br

<sup>6</sup> Doutor em Enfermagem. Professor da FURG. Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lunardifilho@terra.com.br

**RESUMO:** A resiliência é considerada como uma trajetória construída gradativamente, a partir de uma seqüência de processos proximais, desde o início da vida. Este estudo objetiva identificar processos vivenciados no plano familiar e individual que possibilitam às famílias enfrentar os desafios em sua vida de maneira positiva. Estudo de caso desenvolvido com uma família exposta a múltiplas adversidades, utilizando uma abordagem sustentada nos princípios de avaliação e desenvolvimento de forças familiares. Os dados obtidos entre 2005-2007, através de entrevistas, foram submetidos à análise de conteúdo. Os principais processos evidenciados refletem a capacidade do pai responder às necessidades dos filhos; criar um espaço relacional que permite a expressão do potencial dos filhos; aceitar ajuda no exercício de seus papéis; realizar atividades mutuamente gratificantes entre eles. Destaca-se o papel da sensibilidade do pai em relação às necessidades dos filhos.

**DESCRIPTORES:** Saúde mental. Família. Enfermagem.

---

## FAMILY PROCESSES THAT SUSTAIN RESILIENCE: A CASE STUDY

**ABSTRACT:** Resilience is known as a gradually constructed trajectory occurring from a sequence of growing complex proximate processes which begin early in life. The objective of this study is to identify processes lived at the family and individual levels that make it possible for families to face the challenges in their lives in a positive way. This is an in-depth case study developed with a family that has been exposed to many adversities, utilizing an approach supported by the principles of assessment and development of family strengths. The data was collected between 2005 and 2007 through interviews and submitted to content analysis. The main processes evidenced reflect the father's capacity to respond to the needs of his children; to create a relationship space that allows for expression of the children's potentials; to accept help in performing their roles; and to do mutually gratifying activities with them. We highlight the role of the father's sensibility to his children's needs.

**DESCRIPTORS:** Mental health . Family. Nursing.

---

## LOS PROCESOS QUE SUSTENTAN LA RESILIENCIA FAMILIAR: UN ESTUDIO DE CASO

**RESUMEN:** La resiliencia es considerada como una trayectoria construida de manera gradual, partiendo de una secuencia de procesos de aproximación, desde el comienzo de la vida. El objetivo de este estudio es identificar los procesos vividos en el plano individual y familiar, los cuales posibilitan a las familias enfrentar los desafíos en su vida de manera positiva. Es un estudio de caso desarrollado con una familia expuesta a múltiples adversidades, utilizando un enfoque basado en los principios de la evaluación y desarrollo de fuerzas familiares. Los datos obtenidos entre 2005 y 2007, a través de entrevistas, fueron estudiados a partir del análisis de contenido. Los principales procesos evidenciados incluyen: la capacidad del padre para responder a las necesidades de los hijos; crear un espacio relacional que permita la expresión del potencial de los hijos; aceptar ayuda en el ejercicio de sus roles; realizar actividades que sean mutuamente benéficas para ellos. Se destaca el papel de sensibilidad del padre en relación a las necesidades de los hijos.

**DESCRIPTORES:** Salud mental. Familia. Enfermería.

## INTRODUÇÃO

No decorrer das últimas três décadas, o fenômeno resiliência tem surgido como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Nas ciências sociais e da saúde, em geral, refere-se à capacidade manifestada por alguns seres humanos de amenizar ou evitar os efeitos negativos que certas situações consideradas com elevado potencial de risco podem produzir sobre a saúde e o desenvolvimento das pessoas, das famílias ou mesmo das comunidades. Trata-se de um fenômeno complexo que assume notável importância, principalmente num contexto em que macro adversidades sociais, políticas e econômicas, aparentemente de difícil solução em curto prazo, como os altos índices de violência e criminalidade nos aglomerados urbanos e as condições de pobreza extrema das populações, se agravam cada vez mais, ao redor do mundo, especialmente, em algumas regiões menos favorecidas.<sup>1</sup>

Nessas circunstâncias, a resiliência tem sua importância potencializada, na medida em que anuncia a possibilidade de que as pessoas se desenvolvam bem, mesmo vivendo em ambientes com alto potencial de risco. Entretanto, é importante destacar que implica mais do que meramente sobreviver à situação adversa ou escapar de alguma privação. Os sobreviventes de experiências catastróficas não são necessariamente pessoas resilientes. Algumas podem centrar suas vidas em torno das experiências negativas que vivenciaram, negligenciando outras dimensões de seu viver, enquanto que as pessoas resilientes desenvolvem certas habilidades que as capacitam a responder de forma efetiva às demandas da vida cotidiana, assumindo o cuidado e o compromisso com sua própria vida e a daqueles que delas dependem.<sup>2</sup>

Da mesma forma, não significa que os seres humanos não experimentem o estresse, ou que não se sintam atingidos pela situação adversa, nem tampouco que a situação de risco tenha que ser afastada. Pelo contrário, o sujeito resiliente conserva as marcas da adversidade que enfrentou. Elas estão presentes em suas lembranças, em seus sentimentos. Sua história permanece em sua memória, mas a pessoa é capaz de se recuperar porque encontra o suporte que a ajuda a prosseguir, delineando uma trajetória que, do ponto de vista social e cultural, pode ser considerada positiva.<sup>3</sup>

Resiliência pressupõe, portanto, uma maneira de administrar as adversidades, reconhecendo seu potencial de risco, mas sem perder a capacidade de mobilizar os recursos (pessoais e contex-

tuais) para enfrentar essas situações. Trata-se de um conceito valioso, especialmente em termos de promoção da saúde, que ajuda a compreender porque algumas pessoas expostas a situações com elevado potencial de risco são capazes de enfrentá-las bem e outras em situações semelhantes não conseguem responder da mesma maneira.

A construção do conhecimento acerca do fenômeno resiliência, nas últimas décadas, está sustentada predominantemente em estudos desenvolvidos junto a populações expostas a adversidades como a guerra;<sup>4</sup> a pobreza extrema;<sup>5</sup> a doença mental,<sup>6</sup> os maus tratos, dentre outras. Um número significativo desses estudos examina a resiliência dando ênfase aos processos que entram em jogo para proteger as pessoas, evitando ou atenuando os efeitos negativos dos riscos e criando as condições para que elas respondam de forma efetiva às demandas da vida cotidiana, apesar das adversidades que as cercam. São estudos que consideram as interações vivenciadas entre as pessoas e o ambiente, denominadas de processos proximais, como elementos chave para o desenvolvimento do ser humano, os quais podem ter o duplo efeito de promover a emergência das competências próprias de cada etapa do ciclo vital e, ao mesmo tempo, funcionar como proteção, quando o ambiente que os cerca é adverso.<sup>7</sup>

Sob esta abordagem, resiliência passa, então, a ser considerada como uma trajetória de vida que se constrói, de forma gradativa, a partir de uma seqüência de processos proximais de complexidade crescente, vivenciados desde o início da vida, os quais possibilitam que, mesmo em contextos de risco elevado, as pessoas, as famílias ou as comunidades administrem as adversidades que enfrentam, de forma a encontrar respostas aos seus problemas e suas necessidades. Trata-se, portanto, de um fenômeno complexo que se constrói na intersecção entre os múltiplos contextos com os quais o ser humano interage de forma direta ou indireta e cuja presença é observada, com mais clareza, quando está vivenciando uma situação adversa, seja esta de caráter temporário ou constante em sua vida.

Quando se considera a família como resiliente, em geral, os autores referem-se ao processo interacional que se desenrola neste grupo como unidade funcional, ao longo do tempo, fortalecendo ambos, o indivíduo e a família.<sup>8</sup> Trata-se de um processo mediante o qual a família enfrenta períodos de crise, desorganização, privações prolongadas e efetivamente se reorganiza.<sup>2</sup> Enfim, família resiliente é considerada um processo desenvolvimental único que envolve uma forma

particular de organização, de comunicação, de recursos pessoais e comunitários para a solução de problemas, os quais podem ser considerados, também, como a expressão de forças da família que operam em determinadas circunstâncias e possibilitam que seus membros sejam capazes de responder de uma forma positiva às demandas da vida cotidiana, mesmo vivendo em ambientes potencialmente de risco.<sup>8</sup> É importante destacar que se considera como resposta positiva, neste estudo, a habilidade da família administrar as adversidades, consciente dos riscos que esta aporta e sem perder a capacidade de mobilizar os recursos pessoais que seus membros possuem e, quando necessário, os recursos contextuais que lhes possibilitam enfrentar a situação e não sucumbir diante dela.

Sem dúvida, resiliência traduz uma dimensão de positividade das reações dos seres humanos frente aos desafios que enfrentam em seu cotidiano. Nesse sentido, aporta uma perspectiva promissora em termos da saúde e do desenvolvimento humanos, principalmente, junto às populações que vivem em condições psicossociais desfavoráveis. Entretanto, constitui-se em um desafio não apenas para os seres humanos que enfrentam as adversidades, mas, também, para os pesquisadores que tentam compreender esse fenômeno buscando respostas para inúmeros questionamentos que, ainda, envolvem o corpo de conhecimento acerca da resiliência. Dentre esses: quando o contexto é adverso, o que esses seres humanos encontram que os ajuda a enfrentar de forma positiva esses desafios? Em condições de extrema adversidade, o que significa enfrentar de maneira eficaz ou positiva? De que se constituem os processos que parecem explicar a resiliência? Estes questionamentos se constituíram no ponto de partida para a realização deste estudo, junto a uma família exposta a adversidades psicossociais múltiplas e extremas, que vive no sul do Brasil.

## OBJETIVO

Identificar processos que entram em jogo sob o plano individual e familiar, possibilitando à família evitar ou amenizar os efeitos negativos das adversidades com as quais se depara cotidianamente.

## METODOLOGIA

Este estudo de caso é derivado de um projeto de pesquisa mais amplo, que estuda o processo de produção de saúde em contextos adversos, com ênfase na resiliência. O material apresentado refere-se especificamente ao trabalho desenvolvido

junto a uma família constituída pelo pai (51 anos) e cinco filhos, sendo quatro do sexo masculino com 28, 21, 11 e nove anos (o de 28 anos mora em outra cidade) e uma filha de 22 anos, casada, que possui três filhos (uma menina de quatro anos e dois meninos com dois e um ano de idade).

O pai é viúvo dos dois primeiros casamentos e separado da terceira esposa, mãe dos meninos de 11 e nove anos, os quais passaram um ano institucionalizados em uma casa-abrigo para menores, em decorrência de terem sido vítimas de abuso sexual, praticado por um vizinho e, concomitantemente, a família ter sido considerada sem condições de protegê-los. Este diagnóstico da família foi baseado no fato do pai (principal responsável pelos menores) ser alcoolista e a mãe portadora de transtorno mental grave e recorrente, com história de inúmeras internações em hospitais psiquiátricos. O pai e os filhos foram recrutados para o estudo um mês antes dos meninos deixarem a casa-abrigo e retornarem para a residência da família.

Trata-se de uma família que vive em situação de pobreza econômica extrema, em uma região no sul do Brasil. O pai não tem emprego fixo, a mãe vive em outra cidade com sua família de origem e não tem contato com os filhos. O sustento da família vem majoritariamente da coleta de material reciclável, realizada pelo pai e a execução de serviços gerais esporádicos. Conta, também, com diferentes formas de auxílio que obtém em dois serviços sociais comunitários que monitoram o processo de reinserção familiar dos garotos. Os dois meninos freqüentam regularmente a escola pública desde que retornaram para casa, com bom rendimento escolar.

Na história da família, consta que o avô paterno dos meninos, três tios e o pai são alcoolistas, sendo que este último tenta controlar a ingestão de bebida alcoólica, já que esta foi uma exigência da casa-abrigo, na ocasião em que os garotos foram desinstitucionalizados. Para manter esse "controle", o pai participa de um grupo de Alcoólicos Anônimos, na comunidade onde reside, embora, muitas vezes, não consiga manter a abstinência.

A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas inicialmente na casa-abrigo e posteriormente no domicílio da família, em algumas ocasiões, e noutras, nas dependências de um Ambulatório de Saúde Mental que o pai frequentava. Estas entrevistas realizadas entre 2005 e 2007 foram gravadas, transcritas e o material submetido à análise de conteúdo.

A abordagem utilizada no acompanhamento da família está sustentada nos quatro princípios que



orientam o Modelo de Avaliação e de Intervenção Centrada na Família,<sup>9</sup> os quais expressam que:

- para promover um funcionamento positivo da família, é importante embasar os esforços de avaliação e de intervenção sobre as preocupações, as necessidades, as aspirações e os projetos tais como são identificados pelos próprios membros da família (é um princípio fundamentado na idéia que as pessoas investem realmente em empreendimentos que elas valorizam);

- para melhorar a capacidade da família satisfazer as necessidades de seus membros, é importante identificar e utilizar as forças da família como base para promover sua habilidade para mobilizar e converter os recursos (as pessoas desenvolvem mais facilmente a capacidade de satisfazer suas necessidades, se a intervenção está centrada no que convencionalmente se denomina forças da família, ou seja, nos recursos pessoais e contextuais que é capaz de mobilizar para preservar o funcionamento e a integridade da família);

- para assegurar a disponibilidade e a adequação dos recursos que permitem responder às necessidades dos membros da família, é importante dar ênfase à consolidação da rede social da família, assim como à utilização de fontes de apoio informal (a rede de suporte social informal é, habitualmente, a fonte principal de recursos que possibilita a satisfação das necessidades e, na medida do possível, o profissional deve investir para consolidar e reforçar a rede de suporte natural da família);

- para ajudar a família a tornar-se mais autônoma face à satisfação das necessidades de seus membros, é importante empregar métodos de avaliação e de intervenção que favoreçam a aquisição de habilidades capazes de mobilizar, converter e consolidar seus recursos (o papel do profissional é, portanto, o de criar as oportunidades que possibilitem à família melhorar sua competência para atender suas próprias necessidades).

Com base nesses princípios, a família foi acompanhada durante um período de 22 meses, atendendo a todas as exigências de pesquisa com seres humanos da Resolução N° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto ao qual este estudo está integrado foi submetido à instituição onde os meninos estavam abrigados e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande e aprovado sob parecer N° 14/2007. Aos membros da família foi assegurado o caráter confidencial e privativo das informações; o anonimato em relação às suas identidades; além de esclarecimentos de qualquer dúvida que

viesses a apresentar, assim como a liberdade de retirar seu consentimento, podendo em qualquer momento deixar de participar da pesquisa, sem que esta decisão lhes acarretasse qualquer prejuízo. A concordância em participar do estudo foi expressa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos os membros da família, inclusive os menores de idade, sendo que o pai autorizou a participação destes e esteve presente em todas as entrevistas realizadas com os filhos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que os processos vivenciados entre as pessoas e o ambiente podem funcionar como uma proteção, quando este é permeado de adversidades, são apontadas algumas competências evidenciadas ao longo do acompanhamento da família em estudo, as quais podem ter sido construídas a partir dos processos vivenciados, de um lado, diretamente entre o pai e os filhos e, de outro, entre o pai e o ambiente. Esses processos funcionam de forma complementar e dão sustentação para que o pai possa responder às necessidades emocionais e físicas dos filhos e, ainda, criar um espaço relacional que permite a expressão do potencial dos filhos, apesar da família viver rodeada de desafios que, teoricamente, poderiam colocar em risco a saúde e o desenvolvimento de todos os seus membros.

Além disso, o fato de o pai aceitar ajuda no exercício de seus papéis como cuidador e provedor dos filhos, emerge dos dados como algo significativo, com impacto positivo no próprio pai, que se sente apoiado e, nos filhos, porque encontram um pai mais seguro em suas funções. Evidenciou-se, também, que a realização conjunta de atividades mutuamente gratificantes entre os membros da família se constitui em um processo importante no enfrentamento das condições adversas em que vivem.

**A capacidade do pai em responder as necessidades emocionais e físicas dos filhos** foi observada ao longo do acompanhamento da família e manifestada nas entrevistas através da convicção do pai de que as crianças precisam ser tratadas com respeito, com carinho e com conversa. Isto não elimina os atritos entre o pai e os filhos ou entre os irmãos, que são frequentes e não diferem dos habituais em qualquer família com filhos na idade em que se encontram os meninos. Ao mesmo tempo, favorece o diálogo que, segundo o pai, *tem que ocorrer, quando eles (os filhos) estiverem errados, para que se possa dar um conselho ou dizer o que é certo*

ou errado. Complementando, o pai refere que é a maneira como, em geral, os pais tratam os filhos que faz tudo ficar mais difícil do que já é: a falta de amor, os maus-tratos, não dizer o que é certo ou errado e, ainda, deixá-los andar na rua.

Esta capacidade do pai confirma resultados obtidos em outras pesquisas que apontam como processos protetores envolvidos na construção de uma trajetória resiliente o contexto afetivo no interior do qual a criança vive, o clima familiar que aporta a segurança necessária para que desenvolva a confiança em si mesma e nos outros, a presença de uma rede relacional exterior, capaz de efetivamente dar suporte à família e seus membros. Além desses, os cuidados responsáveis e constantes; o suporte familiar; as expectativas positivas depositadas na criança; as relações de apego seguro; a coesão e a existência de, pelo menos, um adulto verdadeiramente interessado na criança, capaz de bem cuidá-la e protegê-la.<sup>3,10</sup>

Por outro lado, o fato do pai conseguir responder às necessidades de seus filhos, mesmo em um ambiente permeado de restrições, faz contraponto com a literatura que considera a precariedade das condições de vida como geradora de estresse e insegurança, que pode afetar a dignidade dos pais e desafiar a paciência e a sua disponibilidade em relação aos filhos.<sup>11</sup> Apesar da condição de pobreza econômica extrema da família em estudo, constata-se que esta não tem um impacto maior sobre a consciência das responsabilidades inerentes à paternidade. Isto ajuda no enfrentamento dos problemas, que são inúmeros, e vão desde a luta diária pela sobrevivência até a convivência com a experiência de abuso sexual vivido pelos meninos e a “ameaça” de nova institucionalização, caso não sejam bem cuidados pelo pai.

A capacidade do pai responder às necessidades emocionais dos filhos se mostra, especialmente, na medida em que eles conseguem “transformar” a experiência de abuso sexual em uma violência dirigida não apenas aos filhos, mas, também, contra o pai e cujo consenso na família é de que *isso só aconteceu, devido à situação em que vivem*, ou seja, porque são pobres, não foram respeitados. Mesmo que possa ser analisada por diferentes ângulos e até mesmo questionada quanto à sua validade, esta forma de compreender a violência sofrida pelos meninos é uma estratégia que possibilita ao pai dividir com os filhos o impacto dessa experiência e não centrarem apenas em si mesmos o que aconteceu mas, responsabilizar, também, as condições sociais nas quais estão inseridos.

Assim, os meninos não se sentem sozinhos na situação e, de certa forma, conseguem se distanciar do fato. É, pois, uma maneira sensível de administrar uma experiência que, de outra forma, poderia comprometer seriamente o processo de desenvolvimento dos meninos. É importante registrar que apenas uma vez durante as entrevistas, foi mencionado o abuso sexual sofrido pelos meninos.

Esta maneira de administrar a experiência de violência sexual sofrida pelos filhos se constitui em um exemplo concreto das idéias de pesquisadores e profissionais que trabalham diretamente com vítimas de abuso sexual. Estes sugerem que atribuir a responsabilidade pelo ato praticado ao abusador e não à vítima se constitui em uma característica cada vez mais observada entre as pessoas que conseguiram superar essa experiência dolorosa.<sup>12</sup> Ao mesmo tempo, possibilita (re)inserir especialmente as famílias pobres no contexto social, cultural e político mais amplo, quando reconhecem e atribuem parcelas de responsabilidade à maneira como são tratadas, em decorrência da precariedade em que vivem.

Da mesma forma, no micro contexto familiar, compartilhar não apenas as experiências prazerosas, mas também as dores, contribui para amortecer o impacto sobre as pessoas individualmente e favorece a integração da unidade familiar, elemento importante, quando se trata de família resiliente. Além disso, cria as condições para o aprendizado de como estruturar a vida familiar, de modo a atender as necessidades essenciais para o desenvolvimento e o bem estar de seus membros, ou seja, de como gerenciar as crises e as adversidades que enfrentam.<sup>10</sup>

Do ponto de vista das necessidades físicas, são marcantes sobre os membros da família em estudo, as conseqüências da pobreza econômica e a falta de um emprego com renda fixa, no que tange à nutrição, vestimentas adequadas ao clima e às condições de moradia da família, sem saneamento básico. Somam-se a estas limitações, a sobrecarga das tarefas parentais recaindo somente sobre um dos pais e, ainda, o problema do alcoolismo. Embora o pai registre que *não deixa faltar o alimento*, o desenvolvimento físico dos meninos evidencia a carência de uma alimentação adequada, em relação a outros da mesma idade. Entretanto, a higiene corporal é um valor cultuado na família e considerado como uma fonte de vergonha e desonra, quando é negligenciada. O banho diário é uma exigência mantida pelo pai, antes dos filhos irem à escola e antes de dormir. Da mesma forma, os

cuidados com a saúde física estão presentes, com visitas ao posto de saúde da comunidade ao menor sinal de qualquer alteração, mesmo uma gripe.

**A capacidade do pai para criar um espaço relacional que permita a expressão do potencial dos filhos** reflete não apenas a consciência do pai a respeito da situação em que a família vive no presente, mas, também, sua capacidade de ver e projetar a família no futuro e numa condição melhor. Este é um tipo de relação que envolve ensinamento de pai para os filhos e requer um investimento muito maior, quando as condições que cercam a família são adversas. Este empenho é evidenciado, quando o pai diz: *às vezes, eles (filhos) ficam comigo no serviço, enquanto estou trabalhando. Eles ficam na minha volta e eu sempre digo: olha! isso é bom pra ti aprender que precisa estudar pra não ficar nessa (situação).*

Para melhor compreender esta capacidade do pai, é necessário registrar que o filho de 11 anos tem uma habilidade extraordinária para recuperar material de eletrônica sucateado. O pai seleciona esse material nos depósitos de reciclagem e estimula o filho para proceder ao reaproveitamento. Assim, a casa é precária, mas equipada com alto-falantes que transmitem a programação de um rádio recuperado; um aparelho de televisão; calculadoras e um sistema de luz intermitente, instalado no cômodo destinado ao dormitório dos meninos, construído com as lâmpadas utilizadas para enfeitar árvores de natal e que são desprezadas e jogadas no lixo após as festas de finais de ano.

Autores que estudam a resiliência fazem referência aos “fatores protetores da família”, “fatores de recuperação” e “fatores gerais de resistência”, os quais interagem entre si e definem a forma como a família responde às situações de estresse que experimenta.<sup>13</sup> Dentre os fatores de proteção, apontam as interações entre os membros da família como, por exemplo, o compartilhar opiniões e emoções, que se constitui numa demonstração que uns se preocupam com os outros e os ajudam a resolver os conflitos e reduzir a tensão que experimentam; o sentido de compromisso de seus membros com o grupo familiar; a confiança na capacidade da família sobreviver aos desafios que enfrenta; a habilidade para administrar as questões econômicas; a manutenção das atividades de lazer, a preservação das rotinas e das tradições que, de certa forma, dão continuidade à vida da família; e a quantidade/qualidade de tempo que seus membros compartilham.

Como fatores de recuperação apontam os processos vivenciados pela família, que são capazes de

proporcionar o apoio necessário para desenvolver e sustentar os sentimentos de auto-estima e auto-confiança de seus membros como a existência de uma estrutura interna, dotada de sentido e regulada pelos valores, as expectativas e as regras, a qual orienta o comportamento e a adaptação da família, durante a vigência da adversidade.<sup>13</sup> Já, dentre os fatores gerais de resistência, destacam-se a seriedade dos programas sociais e de saúde já que, durante a crise, nem sempre, as famílias têm todas as respostas que precisam e a clareza a respeito do que podem fazer, necessitando não só de um sistema familiar confiável, mas também de programas de saúde e de políticas sociais sérias e confiáveis para orientá-las nestes momentos de dificuldades.<sup>13</sup>

No caso desta família em estudo, a existência de um espaço relacional que permite interações positivas entre o pai e os filhos, incluindo desde a expressão de opiniões, sentimentos e preocupações, parece estimular a confiança de ambos na capacidade da família sobreviver aos desafios que enfrenta. Ao mesmo tempo, permite aos filhos visualizar os limites do mundo em que vivem e construir sua identidade com base no exercício de suas potencialidades. É, pois, um espaço que os autores poderiam categorizar como fator de proteção,<sup>13</sup> uma vez que impulsiona o desenvolvimento da autonomia como ser humano e reconhece o papel do filho como um dos provedores da família, assim como as habilidades de seus membros para superarem as dificuldades econômicas e criar situações “encontro” entre eles.

Quanto à **capacidade do pai para aceitar ajuda no exercício de seus papéis** é preciso levar em consideração que, em geral, nas situações que envolvem precariedade de recursos e maus tratos, as famílias aproveitam pouco os recursos existentes na comunidade como postos de saúde, trabalhadores sociais e psicólogos. Entretanto, na família em estudo, esta “regra” não impera, pois o pai recebe ajuda para o desempenho de seu papel e suas tarefas, em diferentes níveis do contexto da família: da sua própria mãe (avó dos meninos), da filha casada e de uma irmã que reside próximo (tia dos meninos). Em geral, o tipo de ajuda que recebe da avó e desta tia está relacionado com o cuidado e a guarda dos dois meninos, nos turnos em que estes não estão na escola e o pai está trabalhando. A filha casada, geralmente auxilia nas tarefas escolares dos irmãos. Depreende-se que a rede de apoio social informal é restrita à família expandida, mas esta é efetiva, pois, de acordo com a literatura, os arranjos de prestação de cuidados envolvendo



a família expandida funcionam bem, desde que as figuras de autoridade e as responsabilidades de cada um dos cuidadores estejam claramente demarcadas e que se preserve o respeito mútuo, o que é característico na família em estudo. Além disso, a forma como se organiza para cumprir seu papel e suas tarefas no desenvolvimento dos meninos, preservando seus valores, suas regras e suas expectativas, apontam para a presença dos fatores de recuperação citados anteriormente, os quais contribuem para sustentar os sentimentos de autoestima e autoconfiança entre seus membros.

Com relação à rede de apoio formal, observou-se que a família está fortemente vinculada a um serviço de acompanhamento de egressos da casa-abrigo, o qual orienta no processo de reinserção familiar e social dos meninos. O pai comparece regularmente aos encontros agendados com os técnicos dessa instituição. A família utiliza, também, o posto de saúde *sempre que algo não vai bem*, assim como os programas sociais como Bolsa Família e outros. Confirmando o vínculo com o serviço, o pai refere que, desde que começou a participar do acompanhamento, *muita coisa mudou, pois foi a partir daí que aprendi a conversar mais com os meus filhos*. Refere, também, que *antes, a vida não era assim, aprendeu a ouvir mais, teve uma orientação a mais que lhe ajudou*.

Estas falas exemplificam o que se pode nomear como fatores gerais de resistência, conforme referidos anteriormente. É na rede de serviços disponível na comunidade onde a família reside que o pai encontra ajuda, apoio, serviços concretos e alimenta a sensação de segurança, de pertencimento a comunidade e os vínculos com o mundo social, os quais, segundo autores que estudam o fenômeno resiliência, são de vital importância no enfrentamento de situações adversas.

Já a **realização partilhada de atividades mutuamente gratificantes entre o pai e os filhos** inclui os momentos de lazer como passeios na praça, caminhar na praia aos domingos, ver televisão juntos até dormir. Independentemente da atividade, porém, é o tempo compartilhado em família que assume uma importância significativa, pois favorece os processos que comunicam, entre outras coisas, a importância que uma pessoa tem para a outra; os valores que vão sendo passados de geração em geração; e o lugar que cada um dos membros ocupa na família.

É, também, o tempo de administrar os conflitos entre os irmãos e, quando o pai é responsabilizado duramente, principalmente pelo filho de 11

anos, quanto ao alcoolismo e o distanciamento da mãe, emerge como um problema que não conseguem superar. Enfim, o tempo compartilhado em família pode nem ser percebido como gratificante, no momento em que é vivido, mas é um recurso através do qual a família elabora os problemas cotidianos e (re)cria um sentido para a situação que experiencia, ao mesmo tempo em que desenvolve estratégias para enfrentar o dia-a-dia e, principalmente, ressignificar o cotidiano adverso.

Nesse sentido, a realização de atividades mutuamente gratificantes, compartilhadas pelos membros da família em estudo, se constitui em fatores de proteção, pois estabelecem rotinas que dão continuidade à vida da família e qualificam o tempo que seus membros compartilham. Isto corrobora com a constatação de outros autores que afirmam ser fundamental que pais e filhos passem muito tempo juntos, compartilhando eventos da vida diária como jantar em família, conversar antes de dormir, pois assim têm oportunidade de se envolverem em tarefas e responsabilidades de forma prazerosa, demonstrar atenção, cuidar uns dos outros e tornar visível uma estrutura familiar apoiadora.<sup>10</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso ilustra de forma clara o papel da sensibilidade do pai em relação às necessidades dos filhos e às múltiplas tensões e pressões exteriores que enfrenta no contexto em que vivem. Embora a família em foco tenha uma organização singular, é importante ressaltar que o fato deste estudo estar centrado na dimensão de positividade de seu processo de viver, isto não significa que os problemas não sejam duramente vividos. Várias são as situações que revertem negativamente sobre a família. Entretanto, balizada pelos objetivos estabelecidos, este estudo aponta apenas os processos que mostram a importância de se trabalhar, no sentido de promover as capacidades individuais e coletivas que, em circunstâncias adversas, ajudam a moderar ou fazer a mediação entre os riscos e a saúde das pessoas e das famílias.

Em termos da prática de enfermagem, um ponto de partida importante é ter presente que ser pai não é uma tarefa fácil e torna-se ainda mais difícil, quando as condições de vida são precárias e seus principais papéis são desempenhados sem a possibilidade de compartilhá-lo com o outro cônjuge. Nestas condições, a intervenção dos profissionais deve estar centrada não apenas nas

crianças, mas, fundamentalmente, no genitor que assume como cuidador, especialmente porque na infância e adolescência, o desenvolvimento dos filhos está fortemente atrelado à qualidade das interações que estes vivenciam nos diferentes contextos onde concretizam sua existência, especialmente na família.

Em um ambiente onde se inscrevem adversidades de natureza duradoura que dificilmente mudam em curto prazo, como a situação de pobreza em que se encontra essa família, a capacidade do pai para preservar seus vínculos com uma rede social efetiva e de agir de maneira sensível com seus filhos são elementos que podem reduzir os efeitos negativos dos riscos a que estão expostos em um ambiente adverso, funcionando como uma proteção ao desenvolvimento das crianças, pelo menos, durante a infância.

Por outro lado, é importante que os enfermeiros tenham claro que falar de uma possível trajetória resiliente, em contextos com elevado potencial de risco psicossocial, remete, necessariamente, ao aporte de suporte social efetivo para os cuidadores, de forma que estes possam tecer um tipo de relação com seus filhos, na qual a comunicação entre ambos possa fluir e estes expressem suas necessidades e os pais sejam capazes de decifrá-las corretamente e responder de maneira coerente e consistente. Entretanto, para que a relação pais-filhos possa se desenrolar neste nível, em contextos desfavoráveis, é necessário que estes pais, também, tenham suas necessidades respondidas de forma coerente e consistente, ou seja, para que possam estabelecer, uma relação sensível com seus filhos, é necessário que os pais também vivenciem este tipo de experiência.

Assim, a prática da enfermagem, necessariamente, precisa estar centrada nos elementos de positividade presentes nas interações entre o pai/mãe e seu contexto, ou seja, naquilo que eles são capazes de fazer bem, apesar dos desafios que enfrentam. Não se trata de negar as dificuldades, os riscos, as perdas, mas, sim de reconhecer que num mesmo contexto co-existem fortalezas e fraquezas, recursos e destituições. Da mesma forma, é interessante que os enfermeiros reconheçam que as capacidades dos cuidadores podem ser desenvolvidas ou reforçadas, por meio de ações implementadas tanto no âmbito profissional

como não profissional. Isto implica reconhecer as competências para esta finalidade não apenas nos profissionais, mas, também, na família e na rede de suporte social informal.

## REFERÊNCIAS

1. Silva MRS, Lunardi VL, Lunardi Filho, WD. Resiliência e promoção da saúde. *Texto Contexto Enferm.* 2004 Out-Dez; 14(esp):95-101.
2. Walsh F. The concept of family resilience: crisis and challenge. *Fam Process.* 1996 Sept; 35(3):261-81.
3. Cirulnik B. *Les vilains petits canards.* Paris (FR): Odile Jacob; 2001.
4. Davis RE. Refugee experiences and Southeast Asian women's mental health. *West J Nurs Res.* 2000 Mar; 22(2):144-68.
5. Garmezy N. Children in poverty: resilience despite risk. *Psychiatry.* 1993 Feb; 56:127-36.
6. Rutter M. Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Fam Ther.* 1999 May; 21:119-44.
7. Bronfenbrenner U, Morris PA. The ecology of developmental processes. In: Damon W, Lerner RM. *Handbook of child psychology - theoretical models of human development.* New York (US): John Wiley & Sons; 1998.
8. Hawley DR, Dehann L. Toward a definition of family resilience: integrating life-span and family perspectives. *Fam Process.* 1996 Set; 35(3):283-98.
9. Dunst CJ; Trivet CM; Deal A.G. *Supporting & strengthening families - methods, strategies and practice.* Massachusetts (US): Brookline Books, 1994.
10. Walsh F. *Fortalecendo a resiliência familiar.* São Paulo (SP): Roca; 2005.
11. Allard F, Binet L. Devenir père en situation de pauvreté. In: Lacharité C, Pronovost G, organizadores. *Actes du 6<sup>o</sup> Simposium québécois de recherche sur la famille.* Trois-Rivières (CA): Université duQuébec, 2002.
12. Wilcox DT, Richards F, O'Keeffe ZC. Resilience and risk factors associated with experiencing childhood sexual abuse. *Child Abuse Review.* 2004 Jul; 13(4):338-52.
13. McCubbin MA, McCubbin HI. Families coping with illness: the resilience model of families stress, adjustment, and adaptation. In: Danielsin C, Hamel-Bissel B, Winstead FP. *Families, health & illness - perspectives on coping and intervention.* Missouri (US): Mosby; 1993. p. 21-63.